

estar a falar do marido à mãe... Depois, fazem as pazes e acabam por ficar os pais “ariscos” com o genro. O inverso também acontece com a nora. Sem contar os casos em que se perdem os limites. Pais, filhos, netos misturam-se a tal ponto que começa a faltar respeito.

NÃO SE ESQUEÇA QUE:

- Para ser afetuoso para com o seu filho não precisa de ser amigo;
- Pode ser afetuoso e manter a autoridade em simultâneo;
- Os filhos gostam naturalmente dos pais, não precisam de os ver como uns “amigos porreiros” (quando assim é ficam mais próximos de sentir o vazio, ou a onipotência, de não ter ninguém acima deles, isto é, pais que contêm, disciplinam e orientam);
- Entre pais e filhos há regras e posições distintas que devem ser respeitadas;
- Pode brincar e divertir-se com o seu filho mantendo sempre claro quem é o pai/mãe e quem é o filho, ou seja, quem é que educa e assegura o bem-estar;
- Há conversas, segredos e cumplicidades que são próprias dos amigos; outras são próprias dos pais;
- Um adulto deve ter mais maturidade, mais contenção emocional e maior capacidade para evitar uma discussão do que uma criança;
- Pais devem ser só pais.



243 660 097 / 934 010 534



cafapcoruche@caritascoruche.pt



Largo de Valadares, 1 - 2100-112 Coruche



Sílvia Caraça (Assistente Social/Coordenadora)

Gonçalo Coelho Arromba (Psicólogo Clínico)

Ana Miriam Barradas (Psicóloga Clínica)

Ana Cachapa (Assistente Social)



INOVA CÁRITAS CORUCHE

WWW.CARITASCORUCHE.PT

APOIO NA REPRODUÇÃO E DISTRIBUIÇÃO



cafap

CENTRO DE APOIO FAMILIAR E
ACONSELHAMENTO PARENTAL

Os “PAIS-AMIGOS”



PRÓXIMO TEMA:
CRIAR COM APEGO

80 COLEÇÃO
ADOLESCÊNCIA

MAIO - JUNHO 2016

Parece cada vez mais frequente um novo estilo de relação entre pais/mães e filhos, na qual estes são uns “porreiros” para os filhos, usam linguagem “fixe”, pedem que os filhos falem de tudo com eles sem que haja lugar a segredos (ficando até ofendidos quando os filhos não lhes contam tudo em primeiro lugar ou quando também contam aos amigos), participam com os filhos em atividades típicas da idade deles e até chegam a entrar nos seus grupos de amigos. Chame-mos-lhes os “pais-amigos”.

Hoje parece haver mesmo uma cultura que defende este tipo de comportamento parental, no entanto, a dinâmica da relação pais-filhos que se cria nem sempre é benéfica. Pais são autoridade, são referência e são exemplo, não são amigos. Com um amigo temos outro tipo de relacionamento. É um facto que muita gente usa o argumento “o teu pai é o teu melhor amigo” ou “a mãe é a melhor amiga do mundo”, mas, quando isso acontece, perdem ambos: os pais e os filhos. A situação é muito problemática na infância, adolescência e juventude. No entanto, na fase adulta, também há prejuízos.

DESAUTORIZA OS PAIS E DESCENSURA OS FILHOS

Ao contrário do que possa parecer, ser “pais-amigos” pode resultar em falta de liberdade dos filhos para falar com os pais, para contar os seus dilemas ou pedir orientação. Os pais podem ser porreiros e divertidos, no entanto, os pais existem essencialmente para acolher, disciplinar, conter. O papel de amigo é um; o de pai e mãe, é outro. Quando os papéis se confundem, a hierarquia é quebrada. Pode-se perder o respeito e a autoridade.

A relação entre pais e filhos deve ter muito afeto, aceitação e perdão, sem dúvida. Mas a amizade é uma relação entre iguais. Presume-se mais que confidên-

cias. Entre amigos desabafamos, compartilhamos vivências, fazemos atividades juntos, por vezes até falamos disparates... Um amigo interfere na vida de qualquer um de nós, mas não determina nem disciplina. Na verdade, não é raro assistir a “pais-amigos” que para lá de não censurarem comportamentos socialmente desadequados dos filhos, ainda acabam por incentivar à sua prática, muitas vezes ao acharem piada.

SOBRECARRREGA E ASSUSTA

Antes da maturidade, quando os filhos são feitos confidentes dos pais, atropela-se o bom senso... Isto porque eles são pequenos demais, desconhecem o universo adulto. Não possuem experiência suficiente para ajudar os pais. E o seu desenvolvimento emocional fica comprometido, porque criam expectativas distorcidas, e por vezes negativas, do que é a vida adulta. Os pais podem e devem falar dos seus problemas com os filhos: se está triste, se anda com dificuldades no trabalho... mas não no sentido de pedir colo. Essas conversas devem ser numa perspectiva educativa e de preparação do futuro deles. Se os pais lhes transmitem, sem contenção ou razoabilidade, todas as ansiedades e tristezas sentidas, então sobrecarregam o filho de uma heróica tarefa de salvar os pais desse estado de angústia, algo que é quase impossível por eles não estarem ainda preparados para isso.

Além do mais, se forem ainda crianças, os filhos podem criar uma ideia de que o mundo adulto é bastante difícil, hostil e assustador. Ao chegarem à adolescência, isto abona a favor de desenvolverem comportamentos de evitamento e de regressão, ou seja, cria a tendência para as crianças/jovens se quererem manter infantis e se recusarem a crescer.

APRISIONA

Os pais que fazem dos filhos uns amigos revelam que são incapazes de ter os seus próprios amigos. Assim, acabam

por “escravizá-los” neste tipo de relação, “impedindo-os” de ter novas experiências. De fato, é comum as crianças e os adolescentes sentirem-se culpados por fazer amigos, pois sentem-se como se estivessem a deixar os pais para trás e a quebrar o tal vínculo de amizade especial que criaram com eles. Como se fazer amigos e crescer se tratasse de uma falta de lealdade aos pais!

INFANTILIZA

Os filhos também se tornam inseguros. É como se os pais se tornassem um “ego externo”. Como não se desenvolveram, não possuem autonomia. Não sabem julgar o que é bom ou mau para a vida, precisam sempre do aval ou da opinião dos “pais-amigos” para tudo. E é obvio que isso se torna um grande desastre para a vida.

Aos pais, também não é bom, pois agindo assim nunca verão os filhos como seres separados, independentes, adultos. Passam a vida inteira considerando-os crianças, incapazes de tomar as próprias decisões.

LEVA A ZANGAS FAMILIARES

Lamentavelmente, as confidências muitas vezes estão voltadas para o que acontece entre o pai e a mãe. O pai fala da mãe para o filho, a mãe fala do pai, e a criança fica no meio das frustrações do casal. O filho acaba por ocupar o papel que seria do conjugue, de um amigo, ou de um psicólogo. Pior se torna quando, muitas vezes, o filho toma partido de um deles e desenvolve sentimentos negativos. Outra consequência acontece quando o filho cresce e vai ter a sua própria relação amorosa: o namorado ou a namorada passam a ser referenciados pelas experiências vividas no casamento dos pais.

E mesmo na fase adulta, quando a relação se torna de “amigos”, tudo se confunde. Não demora para a filha